

Cap Extra ACOSF - Azriel

Extra Azriel

A Casa do Rio finalmente caiu em silêncio após a áspera festa de Solstício de Inverno, as luzes feéricas diminuindo para lançar pequenas poças de ouro em meio à sombra profunda da noite mais longa do ano.

Amren, Mor e Varian finalmente foram dormir, mas Azriel se encontrou vagando na parte de baixo.

Ele sabia que deveria dormir um pouco. Ele precisava disso ao amanhecer, para a batalha de bola de neve na cabana. Cassian havia mencionado nada menos que seis vezes esta noite que ele tinha um plano secreto em relação à sua chamada vitória iminente. Az deixou seu irmão se vangloriar.

Especialmente porque Azriel estava planejando sua própria vitória por um ano.

Cassian não saberia o que o estava aguardando. E Az planejava se aproveitar completamente do fato de que Nestha provavelmente não deixaria Cassian dormir muito essa noite.

Az riu para si mesmo, para as sombras ao redor dele.

Dormir, elas pareciam sussurrar em seu ouvido. Dormir.

Eu gostaria de conseguir dormir, ele respondeu silenciosamente.

Muitos pensamentos afiados o cortavam sempre que ele ficava imóvel o suficiente para ser atingido. Muitos desejos e necessidades deixaram sua pele superaquecida e retesando através de seus ossos. Então ele dormia quando seu corpo cedeu, e mesmo assim apenas por algumas horas.

Azriel examinou a sala vazia, presentes e fitas sujando os móveis. Cassian e Nestha não haviam reaparecido no andar de baixo, embora isso não fosse nenhuma surpresa. Ele estava contente pelo irmão, e ainda assim...

Azriel não conseguia controlar. A inveja em seu peito. Inveja de Cassian, de Rhysand.

Ele sabia que seria engolido pelo sentimento se subisse para seu quarto, então permaneceu aqui próximo ao fogo da lareira que estava se apagando.

Mas até mesmo o silêncio pesava muito, e apesar das sombras lhe fazerem companhia, como sempre fizeram e como sempre fariam, ele se encontrou saindo do cômodo. Entrando na sala de estar.

Passos suaves surgiram sob o arco da escada e lá estava ela.

As luzes feéricas pintaram o cabelo solto de Elain com um tom de dourado, fazendo-o brilhar como o sol ao amanhecer. Ela parou, a respiração presa na garganta.

— Eu... — Ele observou ela engolir em seco. Ela segurou um pequeno presente nas mãos. — Eu ia deixar isso na sua pilha de presentes. Eu esqueci de dar a você mais cedo.

Mentira. Bom, a segunda parte era uma mentira. Ele não precisou que suas sombras lessem seu tom, o leve enrijecimento de seu rosto. Ela havia esperado até todos estarem dormindo antes de voltar ao andar de baixo, onde ela deixaria seu presente no meio dos outros presentes abertos,

sutil e despercebido.

Elain diminuiu a distância entre eles e sua respiração acelerou quando ela pausou novamente, agora a poucos centímetros de distância. Ela estendeu o presente embrulhado, sua mão trêmula. — Aqui.

Az tentou não olhar para seus dedos com cicatrizes enquanto pegava o presente. Ela não havia comprado um presente para seu parceiro. Mas ela comprou um para Azriel no ano passado — Um pó para dor de cabeça que ele mantinha em sua mesa de cabeceira na Casa do Vento. Não para usar,

apenas para olhá-lo. O que ele fazia todas as noites que dormiu lá. Ou que tentou dormir. Azriel desembalou a caixa, olhando para o cartão que apenas dizia: Você talvez considere isso útil na Casa ultimamente, e então abriu a tampa.

Duas pequenas bolhas de tecido em forma de feijão estavam lá dentro. Elain murmurou — Você os coloca nos ouvidos e eles bloqueiam qualquer som.

Com Nestha e Cassian morando lá com você...

Ele riu, incapaz de suprimir o impulso. — Não me admira que você não quis que eu abrisse na frente de todos.

A boca de Elain contraiu-se em um sorriso. — Nestha não apreciaria a piada.

Ele sorriu de volta para ela. — Eu não tinha certeza se deveria dar-lhe o seu presente.

Ele deixou o resto não mencionado. Porque seu parceiro estava aqui, dormindo um nível acima. Porque seu parceiro estava na sala da família e Azriel teve que ficar próximo da porta o tempo todo porque não suportava aquilo, o cheiro de seu laço de parceria, e precisava ter a opção de deixar o cômodo se aquela situação se tornasse demais.

Os grandes olhos castanhos de Elain piscaram, ciente de tudo isso. Assim como ele sabia que ela estava bem ciente do por que Azriel raramente vinha para jantares de família hoje em dia. Mas hoje, aqui no escuro e no silêncio, sem ninguém para ver.... Ele puxou a pequena caixa de veludo das sombras ao seu redor. Abriu para ela.

Elain prendeu uma respiração suave que sussurrou sobre sua pele. Suas sombras deslizaram de volta com o som. Elas sempre foram propensas a desaparecer quando ela estava por perto.

O colar dourado parecia comum — sua corrente simples, o amuleto pequeno o suficiente que poderia ser descartado como um charme. Era uma

pequena rosa plana em forma de vitral, desenhada de uma forma que, se voltada para a luz, a verdadeira profundidade das cores tornar-se-iam visíveis. Algo com uma beleza encantadora e secreta.

—É lindo. — Ela sussurrou, tirando-o da caixa. A luz feérica brilhou através das pequenas facetas de vidro, definindo seu encanto brilhando com tons de vermelho, rosa e branco. Azriel deixou suas sombras afastarem a caixa enquanto ela dizia suavemente. — Você coloca-o em mim? Sua mente ficou silenciosa. Mas ele pegou o colar, abrindo o fecho enquanto ela expunha suas costas, puxando seu cabelo para cima com uma mão fazendo-o descobrir seu pescoço longo e macio.

Ele sabia que era errado, mas lá estava ele deslizando o colar ao redor dela. Deixando suas mãos com cicatrizes tocarem a pele imaculada dela. Deixando-as acariciar o lado de sua garganta, saboreando a textura aveludada. Elain estremeceu e ele demorou muito para fechar o fecho. Os dedos de Azriel permaneceram em sua nuca, acima do primeiro nó de sua coluna. Lentamente, Elain girou em seu toque. Até a palma de sua mão estar plana sobre o pescoço dela. Nunca foi tão longe assim. Eles trocaram olhares, houve ocasionais roçar de seus dedos, mas nunca isso. Nunca toque irrestrito e descarado.

Errado — Era tão errado.

Ele não se importava.

Ele precisava saber qual era o sabor da pele do pescoço dela. Qual o sabor daqueles lábios perfeitos. De seus seios. Sua boceta. Ele precisava dela gozando em sua língua...

O pau de Azriel endureceu por trás de suas calças, doendo de tal forma que ele mal conseguia pensar. Ele rezou para que ela não olhasse para baixo. Rezou para que ela não entendesse a mudança em seu cheiro.

Ele só se permitia ter esse tipo de pensamento na calada da noite. Só tinha permitido que sua mão pegasse seu pau e pensasse nela quando até mesmo suas sombras adormecessem. Como aquele lindo rosto poderia ficar enquanto ele a penetrava, quais sons ela faria.

Elain mordeu seu lábio inferior e Azriel teve que assumir cada grama de contenção em si mesmo para não colocar seus próprios dentes ali.

— Eu deveria ir. — Elain disse, mas não se moveu.

— Sim. — Ele disse, seu polegar fazendo movimentos extensos ao longo de sua garganta.

A excitação dela subiu até ele e seus olhos quase rolaram para trás de sua cabeça com seu perfume doce. Ele imploraria de joelhos por uma chance de prová-la. Mas Azriel apenas acariciou seu pescoço novamente.

Elain estremeceu, chegando mais perto. Tão perto que uma respiração profunda roçaria os seios dela contra seu peito. Ela olhou para ele, seu rosto tão confiável, esperançoso e franco que ele soube que ela não fazia ideia de que ele tinha feito coisas horríveis que mancharam suas mãos muito além daquelas cicatrizes.

Coisas tão horríveis que era um sacrilégio seus dedos tocarem a pele dela, manchando-a com sua presença.

Mas ele poderia ter aquilo. Esse único momento e talvez uma prova dela, e seria apenas isso.

— Sim. — Elain respirou, como se ela tivesse entendido a decisão. Apenas essa prova na calada da noite mais longa do ano, onde apenas a Mãe poderia testemunhá-los.

A mão de Azriel deslizou pelo pescoço dela, enterrando-se em seus cabelos grossos. Inclinando sua cabeça do modo que ele queria. A boca de Elain se separou ligeiramente, os olhos dela encarando os seus antes de se fechar.

Oferta e permissão.

Ele quase grunhiu de alívio e necessidade enquanto abaixava sua cabeça na direção dela. Azriel.

A voz de Rhys trovejou através dele, parando-o a poucos centímetros da boca doce de Elain. Azriel.

Uma ordem implacável preencheu seu nome e Azriel ergueu os olhos. Rhysand estava no topo da escada. Olhando furiosamente para eles. Meu escritório. Agora.

Rhys desapareceu e Azriel foi deixado parado na frente de Elain, que ainda esperava o seu beijo. O estômago dele revirou enquanto ele puxou a mão do cabelo dela e recuou. Ele se forçou a dizer. — Isso foi um erro.

Ela abriu os olhos, mágoa e confusão guerreando ali antes dela sussurrar. — Eu sinto muito. — Você não.... Não se desculpe. — Ele conseguiu dizer — Nunca se desculpe por isso. Eu é que deveria... — Ele balançou a cabeça, incapaz de suportar a desolação que trouxe a expressão dela. — Boa noite.

Azriel atravessou nas sombras antes que ela pudesse falar qualquer coisa, aparecendo nas portas do escritório de Rhysand um segundo depois. Suas sombras sussurraram em seu ouvido que Elain tinha ido para o andar de cima.

Rhys estava sentado em sua mesa, a fúria de uma noite sem lua em seu rosto.

Ele perguntou suavemente. — Você está louco?

Azriel vestiu a máscara congelada que aperfeiçoou enquanto estava na masmorra de seu pai. — Eu não sei do que você está falando.

O poder de Rhys ondulou pela sala como uma nuvem obscura. — Estou falando de você, prestes a beijar Elain no meio do corredor onde qualquer um poderia ver. — Ele rosnou — Incluindo o parceiro dela.

Azriel enrijeceu. Deixou sua raiva fria subir a superfície, a raiva que ele só deixava Rhysand ver, porque sabia que seu irmão era capaz de se igualar. — E se o Caldeirão estava errado?

Rhysand piscou. — E a Mor, Az?

Azriel ignorou a pergunta. — O Caldeirão escolheu três irmãs. Me fale como é possível que meus dois irmãos estão com duas dessas três irmãs, e ainda assim a terceira foi dada a outro. — Ele nunca havia ousado falar essas palavras em voz alta antes.

O rosto de Rhys perdeu toda a cor. — Você acredita que merece ser o parceiro dela?

Azriel fez uma careta. — Eu acho que Lucien nunca vai ser bom o suficiente para ela, e de qualquer forma, ela não tem nenhum interesse nele.

— Então você vai fazer o que? — A voz de Rhys era puro gelo. — Seduzir ela para longe dele?

Azriel não disse nada. Ele não havia chegado tão longe com seu planejamento, certamente não além das fantasias nas quais ele se satisfazia.

Rhys rosnou. — Permita-me deixar uma coisa muito clara. Você deve ficar longe dela.

— Você não pode me ordenar a fazer isso.

— Oh, eu posso e eu vou. Se Lucien descobrir que você está atrás dela, ele tem todo o direito de defender o laço deles como preferir. Inclusive invocando o Duelo de Sangue.

— Isso é uma tradição da Corte Outonal. — A batalha até a morte era tão brutal que era promulgada apenas em casos raros. Apesar de ser um estranho, Azriel queria invocá-lo quando encontrou Mor anos atrás. Ele

estava pronto para desafiar tanto Beron quanto Eris para Duelos de Sangue e matar os dois. Apenas o direito de Mor de reivindicar suas cabeças em vingança o impediu de fazer isso.

— Lucien, como filho de Beron, tem o direito de exigir isso de você.

— Eu acabarei com ele com pouco esforço. — Pura arrogância atada a cada palavra, mas era a verdade.

— Eu sei. — Os olhos de Rhys piscaram. — E fazendo isso, você vai acabar com qualquer paz e aliança frágil que nós temos, não apenas com a Corte Outonal, mas também com a Corte Primavera e Jurian e Vassa. — Rhys mostrou os dentes. — Portanto, você vai deixar Elain em paz. Se você precisar foder alguém, vá em um bordel e pague por isso, mas mantenha-se longe dela. Azriel rosnou baixinho.

— Rosne o quanto quiser. — Rhys se recostou na cadeira. — Mas se eu ver você correndo atrás dela novamente, farei você se arrepender.

Rhys raramente ameaçava punir ou usava de sua posição com Grão-Senhor. Isso atordoou Azriel o suficiente para acabar com sua raiva.

Rhys apontou com o queixo em direção à porta. — Saia.

Azriel dobrou as asas e saiu sem dizer outra palavra, caminhando pela casa até o gramado da frente para sentar-se à luz das estrelas gélidas. Para deixar o gelo em suas veias combinar com o ar ao seu redor.

Até que ele não sentiu nada. De novo, não sentia nada.

Então ele voou de volta para a Casa do Vento, sabendo que se ele dormisse ali, acabaria fazendo algo que se arrependeria depois. Ele esteve tão vigilante em se manter o mais longe possível de Elain e se manteve aqui

para evita-la e esta noite... Esta noite provou que ele estava certo em fazer isso.

Ele foi direto para a área de treinamento, cedendo à necessidade de livrar-se da tentação, raiva, frustração e da carência contorcida.

Ele encontrou o local já ocupado. Suas sombras não haviam o avisado. Era tarde demais para voltar sem dar a impressão de que estava correndo.

Azriel pousou no ringue a poucos metros de onde Gwyn praticava na noite fria, sua espada brilhando como gelo ao luar.

Ela parou no meio do corte, girando para encará-lo. — Eu sinto muito. Eu sabia que todos vocês estavam indo para a casa do rio, então não pensei que alguém iria se importar se eu viesse aqui em cima e...

— Está tudo bem. Eu vim para pegar algo que esqueci. — A mentira foi suave e fria, como ele sabia que seu rosto estava. Suas sombras espreitaram por cima de suas asas para vê-la.

A jovem sacerdotisa sorriu — e Azriel achou que poderia ter sido direcionado as suas sombras curiosas. Mas ela apenas prendeu seu cabelo castanho acobreado atrás de uma orelha pontuda.

— Eu estava tentando cortar a fita.

— Ela apontou com a espada para a fita branca, que parecia brilhar como prata.

— Você não está com frio? — A respiração dele anuviou em sua frente.

Gwyn encolheu os ombros. — Depois de começar a se mover, você para de perceber isso. Ele assentiu, o silêncio tomando conta. Por um segundo, os seus olhares se encontraram. Ele bloqueou a memória sangrenta que surgiu na mente, tão em desacordo com a Gwyn que ele via diante dele agora.

A cabeça dela abaixou, como se estivesse lembrando também. Que ele tinha sido aquele que a encontrou naquele dia em Sangravah. — Feliz Solstício. — Ela disse, tanto uma despedida quanto uma bênção de feriado.

Ele bufou. — Você está me expulsando daqui?

Os olhos azuis esverdeados de Gwyn brilharam em alarme. — Não! Quer dizer, eu não me importo de dividir o ringue. Eu só... Eu sei que você gosta de ficar sozinho. — A boca dela se curvou para o lado, enrugando as sardas em seu nariz. — É por isso que veio até aqui?

Mais ou menos.

— Eu esqueci algo. — Ele a lembrou. — As duas da manhã?

Diversão pura cintilou em seu olhar. Muito melhor do que a dor e luto que ele notou um momento antes. Então ele a ofereceu um sorriso torto. — Não consigo dormir sem minha adaga preferida.

— Um conforto para cada criança em crescimento.

Os lábios de Azriel se contraíram. Ele se absteve de mencionar que realmente dormia com uma adaga. Muitas adagas. Incluindo uma debaixo de seu travesseiro.

— Como foi a festa? — A respiração dela enrolou-se na frente da boca e uma de suas sombras disparou para dançar com ela antes de voltar para ele. Como se tivesse ouvido alguma música silenciosa.

— Boa. — Ele disse, e percebendo um pouco depois que aquela não era uma resposta socialmente aceitável. — Foi ótima.

A resposta não foi muito melhor. Ele então perguntou — Você e as sacerdotisas tiveram alguma celebração?

— Sim, embora o serviço tenha sido o principal destaque.

— Entendo.

Ela inclinou a cabeça, o cabelo brilhando como metal derretido. — Você canta?

Ele piscou. Não era todo dia que alguém o surpreendia, mas... — Por que você pergunta?

— Eles te chamam de encantador de sombras. É porque você canta?

— Eu sou um encantador de sombras. Não é um título que alguém simplesmente inventou.

Ela encolheu os ombros novamente. Irreverentemente. Az estreitou os olhos, estudando-a. —

Então? — Ela pressionou — Você canta?

Azriel não conseguiu conter sua risada suave. — Sim.

Ela abriu a boca para perguntar mais sobre o assunto, mas ele não estava a fim de se explicar.

Ou demonstrar, já que com certeza aquela seria a próxima pergunta dela. Então Az apontou com o queixo para a espada pendurada na mão de Gwyn. — Tente cortar a fita novamente.

— O que... com você assistindo?

Ele assentiu.

Ela considerou, e ele se perguntou se ela diria não, mas Gwyn respirou fundo, firmou os pés, se equilibrou e desferiu o golpe. Um lindo, preciso golpe, mas não cortou a fita.

— De novo. — Ele ordenou esfregando as mãos contra o frio, grato por sua mordida revigorante e pela distração da lição improvisada.

Gwyn desferiu outro golpe, mas a fita permaneceu inflexível.

— Você está girando um pouco a lâmina conforme ela fica paralela ao solo. — Azriel explicou, puxando a lâmina Illyriana de suas costas. — Assim. — Ele demonstrou lentamente, rodando seu pulso onde ela fez o mesmo. —

Você vê como se abre bem aqui? — Ele corrigiu a posição. — Mantenha o seu pulso dessa forma. A lâmina é uma extensão do seu braço.

Gwyn tentou fazer o movimento tão lentamente quanto ele tinha feito e ele a assistiu se corrigir, lutando contra o desejo de abrir o pulso dela corretamente e girar a lâmina. Ela fez isso três vezes antes de cair na repetição como um mau hábito. — Eu culpo Cassian por isso. Ele está muito ocupado olhando para Nestha para notar esses erros ultimamente.

Azriel riu. — Vou ter que concordar.

Gwyn sorriu amplamente. — Obrigada.

Azriel baixou a cabeça curvando-se levemente, algo inquieto instalando-se nele. Até suas sombras se acalmaram. Como se estivessem contentes em descansar em seus ombros e assistir. Mas... Dormir. Ele precisava pelo menos tentar conseguir dormir.

— Feliz Solstício. — Azriel disse antes de se direcionar até a entrada da Casa.

— Não fique aqui fora por muito mais tempo. Você vai congelar.

Gwyn acenou em despedida, novamente encarando a fita. Uma guerreira avaliando um oponente, todos os vestígios daquela irreverência encantadora se foram.

Azriel entrou no calor da escada e, enquanto descia, poderia jurar que um canto suave e bonito o seguiu. Poderia jurar também que suas sombras cantaram em resposta.

Ele dormiu tão bem quanto o esperado, mas quando Azriel retornou à casa do rio para recolher seus presentes antes do amanhecer, encontrou o colar de Elain no meio de suas coisas. Ele o guardou. Passou o resto do dia, até durante a maldita batalha de bola de neve, com a intenção de devolvê-lo à loja Palácio de Fios e Jóias.

Mas quando ele retornou da cabana nas montanhas, ele não foi para a praça do mercado. Em vez disso, ele se viu na biblioteca abaixo da Casa do Vento, parado diante de Clotho quando o relógio bateu às sete da noite.

Ele deslizou a pequena caixa em sua mesa. — Se você ver Gwyn, poderia dar isso a ela?

Clotho inclinou sua cabeça encapuzada e sua caneta encantada escreveu em um pedaço de papel. Um presente de solstício seu?

Azriel deu de ombros. — Não conte a ela que o presente veio de mim.

Por que?

— Ela precisa saber? Diga somente que foi um presente de Rhys.

Isso seria uma mentira.

Ele evitou a vontade de cruzar os braços, não quero parecer intimidante. Ele bloqueou a memória que cruzou sua mente — de sua mãe encolhendo-se diante de seu pai, o homem parado com os braços cruzados de tal forma que manifestava seu descontentamento antes mesmo de abrir a boca odiosa.

— Olha, eu... — Az procurou as palavras, sua voz tornando-se serena. — Se houver outra sacerdotisa aqui que talvez apreciaria o presente, dê a ela. Mas eu não vou levar esse colar comigo quando sair daqui.

Ele aguardou a caneta de Clotho terminar de escrever. Seus olhos estão tristes, encantador de sombras.

Ele lhe deu um sorriso sombrio. — Eu perdi a guerra de bola de neve hoje.

Clotho era inteligente o suficiente para ver através de sua reflexão. Ela escreveu. Eu vou entregar a Gwyneth, irei dizer que um amigo deixou para ela.

Ele não iria tão longe ao ponto de chamar Gwyn de amiga, porém... — Certo.

Obrigada.

A caneta de Clotho moveu-se mais uma vez. Ela merece algo tão bonito quanto isso. Eu lhe agradeço pela alegria que isso trará a ela.

Algo acendeu no peito de Azriel, mas ele apenas acenou em agradecimento e saiu. Ele poderia imaginar isso, porém, enquanto subia as escadas para a Casa propriamente dita. Como os olhos azuis esverdeados de Gwyn poderiam se iluminar ao ver o colar. Por alguma razão... ele poderia ver isso.

Mas Azriel guardou o pensamento, conscientemente apagando o leve sorriso que trouxe para seu rosto. Enterrou a imagem bem fundo, onde brilhou silenciosamente.

Algo com uma beleza encantadora e secreta.